

Violência policial em Moatize agride manifestantes pacíficos incluindo crianças

Vila Carbonífera de Moatize, na Província de Tete, tem estado a ferro e fogo desde há praticamente uma semana, onde membros das comunidades locais voltaram a realizar protestos contra a mineradora brasileira Vale Moçambique, exigindo indemnizações por perdas e danos, reclamados há mais de uma década.

A nova onda de protestos começa na passada Quinta-feira, dia 6 de Maio, quando várias dezenas de populares marcharam em direcção a zonas de mineração da empresa brasileira, bloqueando as suas actividades, como forma de se fazerem ouvir. Trata-se, no presente caso, de artesãos que, antes da entrada da Vale em actividade em Moatize, dedicavam-se ao fabrico de tijolos, para o mercado local e para o Malawi. O início da mineração ditou o encerramento das suas pequenas fábricas, ao que se seguiram promessas de justa indemnização, entretanto geridas de forma arditosa e sem transparência, pela Vale. A informação recentemente divulgada pela Vale, sobre a sua próxima retirada da província de Tete, reacendeu as reivindicações das vítimas de Moatize, receosas de serem deixadas para trás. Uma primeira aproximação entre as partes na Sexta-feira, levou os camponeses a observar uma trégua, na promessa de uma sessão de diálogo no dia seguinte, dia 7 de Maio, a qual haveria de transformar-se em seis horas de cargas policiais, com detenções e ferimentos de manifestantes pacíficos. Polícia de Intervenção Rápida dispara e lança gás lacrimogéneo. A violência policial inicia quando os manifestantes recusam-se a ser separados em grupos, para dialogar com representantes do governo, exigindo diálogo aberto com a empresa brasileira. Fátima Lenade, correspondente comunitária do SEKELEKANI, que testemunhou os eventos conta o seguinte: “Primeiro chegou a chefe das operações da FIR, que pediu cinco pessoas da comissão dos agricultores e oleiros para um diálogo à porta fechadas; mas os manifestantes reprovaram a proposta, exigindo um encontro aberto, em que todos iriam seguir e participar. Ê então que, por volta das 10 horas, chega um carro da FIR, e começa a disparar e a lançar gás lacrimogénio. É aí onde são detidas pessoas, apenas libertadas por volta das 17 horas, graças a intervenção de advogados da Liga dos Direitos Humanos”. Nos seus protestos, os oleiros acusam o Governo de conivência com a empresa estrangeira e, após várias tentativas falhadas, de obter o apoio das autoridades governamentais distritais, eles agora não acreditam que estas possam ser interlocutoras válidas. Por isso recusaram a mediação do Governo distrital, no Sábado, exigindo diálogo directo com a Vale. Em resposta, os peticionários,

concentrados num descampado, foram surpreendidos com a chegada de uma unidade da Força de Intervenção Rápida (FIR), que contra eles disparou e lançou gás lacrimogénio, impondo a sua dispersão. Seguiram-se seis horas de tumultos, em que seis pessoas foram detidas e três ficaram feridas, incluindo uma criança hospitalizada em estado grave, vítima de uma bala perdida, que atingiu a menor na zona do joelho.

Jornal Diário do País, 12.05.2021,Pág. 02, Ed. n. 3417